



LITERATURA DE AUTORIA FEMININA PARANAENSE E REPRESENTAÇÃO

Fabiana Marques Luiz¹

RESUMO: A presente comunicação é parte dos resultados de um trabalho maior orientado pela Profa. Dra. Lúcia Osana Zolin e tem por objetivo analisar as representações das figuras femininas inseridas nas crônicas de autoria feminina paranaenses. Por meio dessa análise, se verificará como as escritoras vêm subvertendo ou não a idéia de mulher que sempre marcou a tradicional sociedade paranaense. Assim, será analisada a crônica, inserida no livro *Concurso Nacional de Literatura - Crônicas Paranaenses 1999: Os vencedores, Velório do Apogeu*, da escritora curitibana Lila Tecla. A coletânea é fruto de um concurso nacional organizado pela Secretaria de Cultura do Paraná, que objetivou mostrar um pouco dos costumes, das paisagens e do povo paranaenses. Esse gênero literário foi escolhido por se tratar de textos que têm como principal foco o cotidiano, o que o transforma em interessante painel para o debate acerca das questões femininas dentro e fora do âmbito literário. Para tanto, foram buscados subsídios em discussões empreendidas por teóricos (as) interessados (as) em debater e questionar o primado de valores ideológicos dominantes sobre a diferença, além de textos em circulação na internet, por meio de conceitos como feminismo, representação, identidade, diferença, sujeito, objeto, desconstrução, cultura, mulher paranaense, discurso, poder, etc.

PALAVRAS-CHAVE: Autoria feminina, Representação, Paraná, Crônica

1 INTRODUÇÃO

Frutos da ideologia patriarcal opressora, as representações do feminino na literatura de autoria feminina paranaense, segundo Teixeira (2008), estão calcadas, em grade medida, em apreciações de ordem moral e valorativa e em modelos de comportamentos impregnados do espírito patriarcal da nossa cultura. Entendendo as representações dos sujeitos na literatura como a forma de se apresentar o objeto da materialidade crua do mundo por meio dos elementos simbólicos, do possível e do imaginável, não como reflexo puro e simples do real, mas que, como afirma Goldman (1976) ao se referir à homologia existente no romance, tem uma relação significativa com a vida social, é comum nos depararmos com personagens femininas que, semelhantemente ao que acontece na sociedade paranaense, ao mesmo tempo em que

¹ Universidade Estadual de Maringá - UEM. E-mail: fabianamarquesluiz@gmail.com

buscam se libertar dos valores patriarcais, muitas vezes, ainda se dividem entre seus *destinos de mulher*, conceito formulado por Beauvoir (1980) para referir-se à falta de perspectiva da mulher frente ao patriarcalismo, e sua *vocação de seres humanos*, ou, ainda, há aquelas que, por não aceitarem as regras do jogo, se revoltam contra a postura de dominada que vivem e acabam apresentando temperamentos rebeldes, acabando sozinhas, mal sucedidas profissionalmente e amorosamente.

Assim, constatamos que, mesmo nos deparando com uma literatura de autoria feminina mais crítica e consciente de sua situação, após o ápice do movimento feminista nas décadas de 60 e 70, ainda verificamos a presença de mulheres com um *pé na casa patriarcal*, conceito formulado por Lauretis (1994) para se referir àquelas que, de alguma forma, ainda estão sob as sombras do patriarcalismo, vítimas ainda dessa ideologia fortemente construída com o fim primeiro de conservar a ordem existente. São mulheres que trabalham, que são independentes financeiramente, mas que, segundo Messa (2007), ainda dependem de padrões de beleza, de consumo e da aprovação do sexo oposto, de forma que precisam ser altas, magras e inteligentes. “... os avanços da mulher devem ser apenas decorativos, já que sua saída para a felicidade – e igualdade – está sempre dependente do homem” (p.12).

Pensando nisso, o presente trabalho se propõe a verificar como a escritora curitibana, Lila Tecla, representa as identidades femininas na crônica: *O velório do Apogeu*.

2 MATERIAL E MÉTODOS

O trabalho em questão é parte dos resultados obtidos de uma pesquisa maior, coordenada pela Profa. Dra. Lúcia Osana Zolin, cujo principal objetivo é verificar como as personagens femininas são representadas na literatura de autoria feminina paranaense contemporânea. O texto analisado faz parte de uma coletânea de crônicas, fruto de um concurso nacional organizado pela Secretaria de Cultura do Paraná, que objetivou mostrar um pouco dos costumes, das paisagens e do povo paranaenses. O gênero literário foi escolhido, em detrimento de outros, por ser ainda um campo pouco explorado pela crítica literária e, principalmente pelas escritoras. Além disso, por se tratar de um tipo de texto que tem como foco principal o cotidiano, se apresenta como um painel interessante para o debate acerca das questões femininas dentro e fora do âmbito literário, visto que, embora seja simples e breve, a crônica não deixa de discutir os problemas sociais ou as fraquezas dos homens. Para um maior entendimento do assunto proposto, foram utilizadas as teorias de Lauretis (1994), Bourdieu (2005), Candido (1993), entre outros

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em *Velório do Apogeu*, Lila Tecla cria uma história em primeira pessoa em que a personagem protagonista, uma mulher de aproximadamente cinquenta e cinco anos, pertencente a uma família tradicional de Curitiba, narra a Magnésio, um amigo, um acontecimento inusitado da sua vida. Aos seus quinze anos de idade, ela fugiu com seu namorado em uma bicicleta azul. Durante um bom tempo, tiveram um casamento bem

sucedido, até que descobriram que Apogeu não podia ter filhos. “Ele era estéril” (ibidem, p.47). A narradora acreditava que ele retribuía a mesma fidelidade que sempre lhe dedicou. Viveram juntos por quarenta anos, até que Apogeu morreu e a personagem descobre que ele tinha vários filhos. No dia do velório, algumas pessoas importantes foram se despedir do defunto, mas, para a surpresa da esposa, vários jovens chegaram para, segundo eles, darem adeus a seu pai Apogeu.

Ao passo que a protagonista narra sua história ao suposto amigo, ela vai tirando, uma a uma, as peças pretas de roupa que usava, até ficar completamente nua: “Nem ligue para este *striptease*, Magnésio, o luto me sufoca. Tenho que respirar fundo, vou ficar pelada e fazer uma fogueira desta roupa preta e sacramentada e benta.” (ibidem, p.49). Ao tirar suas *vestes pretas*, símbolo do luto e da fidelidade que sempre dedicou ao marido, a personagem, alegoricamente, também se liberta da vida de mentiras e aparências que viveram. A *nudez*, neste caso, sugere o momento de transição entre o antes e o depois da descoberta. Este *depois* pode ser representado no texto pelo *vestido branco e transparente*, símbolo da verdade, que a personagem pretende usar.

Outro ponto que merece ser observado é o papel que a *religiosidade* exerce sob as relações de dominação presentes no texto. Ao se desfazer da roupa *preta* do luto que a sufoca, a personagem também quer desfazer-se da roupa “sacramentada e benta”, símbolo do casamento religioso, que também pode ser visto como um instrumento de controle. Bourdieu (2005) afirma que a Igreja sempre apresentou um comportamento profundamente antifeminista, estando sempre pronta a condenar todas as *faltas* femininas. Do alto de sua sabedoria e verdade, sempre teve, segundo o autor, uma visão pessimista da mulher e da feminilidade. No que se refere à relação entre homem e mulher, temos o reflexo da superioridade masculina registrada nas escrituras: Adão é o princípio de tudo e, a partir dele, cria-se a mulher, e esta, por sua vez, deve ser a imagem de Maria, símbolo de compreensão, resignação e, sobretudo, de maternidade.

A partir das considerações do narrador autodiegético, vê-se que, durante muitos anos, a personagem se comportou conforme a tradicional sociedade paranaense esperava, mas, ao descobrir que havia sido traída, resolve, simbolicamente, queimar tudo o que viveu: “Tenho que respirar fundo, vou ficar pelada e fazer uma fogueira desta roupa preta e sacramentada e benta.” (p.49). A figura sóbria, que sempre havia sido, pela *raiva* e *indignação*, dá lugar a uma mulher sem pudor, sem medo de dizer o que pensa: “Marido puto, sem-vergonha, velho fodido de uma figa.” (ibidem, p.49).

A narradora-personagem via no fato de ter mantido o casamento, mesmo pensando que Apogeu era estéril, a prova de sua compreensão, levando o leitor a acreditar na sua devoção e destruindo a imagem de bom homem do marido. A partir dos trechos em que a narradora interrompe a história e dialoga com Magnésio, podemos perceber que, embora sua vida tenha sido de entrega total ao marido, essa fidelidade a prendia e a sufocava, principalmente, depois que descobre que Apogeu não podia ter filhos. Para a narradora, o fato do marido não poder ter filhos a incomodava de tal forma, que ela vê nisso um motivo concreto para traição, embora não tenha, segundo ela, traído. Segundo Bourdieu (2005), tanto as mulheres quanto os homens são vítimas desse sistema de gênero que constrói as primeiras como seres frágeis e submissos e os últimos como viris, fortes e capazes.

Assim, quando os indivíduos não correspondem às predisposições de seu gênero, como Apogeu que não se mostra tão viril na relação com a esposa, é comum que isso desencadeie reações negativas. Nesse caso, a narradora acaba legitimando sua dedicação e paciência na aparente “incapacidade” de Apogeu. “Estes véus diáfanos e negros envolvem a fidelidade que sempre dediquei ao meu amado esposo. Porém, deixe-me tirá-los porque me sufocam.” (TECLA, 1999, p.47)

Fazendo uma ponte com o extra textual, considerando o que muitas mulheres passaram antes das manifestações feministas e, até mesmo depois, para conseguirem se libertar dos ideais patriarcais, podemos acreditar que, em *Velório do Apogeu*, Lila Tecla, ao nos mostrar a situação de uma mulher comum que, durante a maior parte da sua vida, buscou sua plenitude na felicidade do marido, cria um microcosmos pertinente das representações de gênero no Estado do Paraná.

4 CONCLUSÃO

Conforme pôde ser visto nesta breve discussão, é visível que, embora as mulheres estejam em processo de se libertar dos laços patriarcais de dominação, elas ainda estão de alguma forma presas a eles, ou, como diz Lauretis (1994), com um *pé na casa patriarcal*. Isso porque, como afirma Bourdieu (2005), há várias instituições que colaboram com o processo silencioso de dominação, que agem sobre estruturas inconscientes, tornando algo construído, como a divisão social dos corpos, em algo natural, inerente às relações humanas. Além disso, é coerente afirmarmos que não é possível se falar em identidade feminina e sim identidades femininas, uma vez que, como afirma Butler (2003), há uma multiplicidade muito grande de perfis femininos, que podem variar de acordo com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Kühner. 4.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 7-60.

CÂNDIDO, A. A vida ao rés-do-chão. IN: _____ (Org.) **Recortes**. São Paulo: Cia das Letras, 1993. p. 23-29

GOLDMAN, L. **Sociologia do Romance**. Tradução de Álvaro Cabral. 7 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LAURETIS, T. A tecnologia do gênero. IN: HOLLANDA, H.B. **Tendências e impasses: o feminismo crítico da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242

MESSA, M. R. **As mulheres só querem ser salvas: Sex and the City e o pós-feminismo**. Revista E-Compós (Brasília), v. 8, 2007, p.1-19.

TECLA, L. Velório do Apogeu. In:_____. (Org.). **Concurso Nacional de Literatura – Crônicas Paranaenses: Os vencedores** – Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1999. p. 47-50.

TEIXEIRA, N. **Escrita de mulher e a (dês)construção do cânone literário na pós-modernidade:** Cenas paranaenses. Guarapuava: UNICENTRO, 2008

Anais Eletrônico

VII EPCC – Encontro Internacional de Produção Científica Cesumar
CESUMAR – Centro Universitário de Maringá
Editora CESUMAR
Maringá – Paraná - Brasil